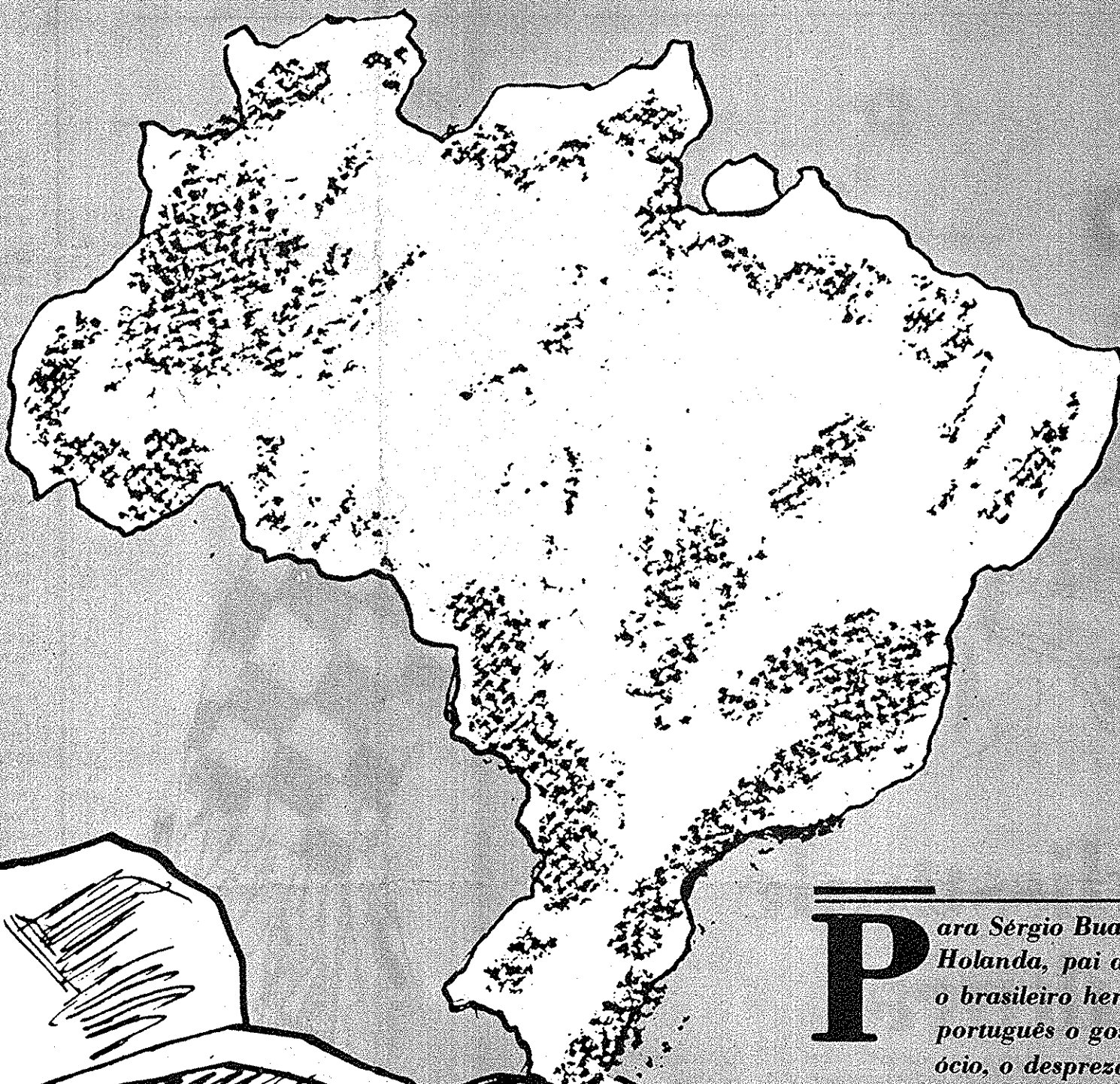


De que é feito um brasileiro



Para Sérgio Buarque de Holanda, pai do Chico, o brasileiro herdou do português o gosto pelo ócio, o desprezo ao trabalho braçal, a aversão ao abstrato e à sistemática. Dos africanos, de acordo com outros autores, temos a culinária, a música, os instrumentos e os ritmos, bem como o uso da cor, a malemolência, a alegria de viver. Do índio, guardamos o gosto da pesca, da caça, o artesanato e a culinária.

A época do descobrimento, a população indígena era de 1,1 milhão. De senhores da terra, eles passaram à minoria circunscrita a reservas, sem direito de votar e recebendo um tratamento jurídico semelhante ao recebido pelas crianças e pelos loucos.

Alguns autores situam o número de negros entrados no Brasil, a partir do século XVI, em 18 milhões, número que comparado ao de hoje demonstra o que significou para o negro, em termos de perda de vidas humanas, o longo processo de formação étnica no país.

Não houve por parte do elemento branco, o português, qualquer veleidade de manter uma pureza racial, no seu caso, inexistente historicamente, devido aos contatos de Portugal com a África e à dominação pelos árabes da Península Ibérica, durante alguns séculos.

O que dizimou negros e índios foi o processo de colonização, todo ele de características exploratórias, disposto a utilizar a força de trabalho de indígenas e escravos negros para extrair a riqueza exigida pela metrópole. De 1,1 milhão em 1500, a população indígena baixou para cerca de 80 mil em 1957, segundo um estudo feito pelo etnólogo Darcy Ribeiro.

Majoria mestiça

Utilizados como mão-de-obra nas plantações de cana de açúcar do Nordeste, segundo Abdias do Nascimento, no seu recente livro "O Genocídio do Negro Brasileiro", a população de origem negra em Salvador e São Luís do Maranhão é de cerca de 80 por cento. Com relação à população de origem negra do Brasil, Abdias a situa como sendo 60 por cento do total.

Apesar do fato dos negros terem vindo para o Brasil separados de parentes, amigos, conhecidos e membros da mesma tribo ou comunidade, a verdade é que foram várias as culturas negras introduzidas no Brasil, dentre as quais destacaram-se as culturas sudanesas, representadas pelos povos iorubanos, daomeanos e fanti-ashanti; as culturas negro-maometanas; e as culturas bantas.

A iorubá foi a mais adiantada das culturas negras introduzidas no Brasil, sendo que o nagô se transformou na língua geral dos negros que vieram para cá. A macumba ou o candomblé já é produto da

presença do negro escravo no Brasil e não um ritual religioso importado.

A comida que se pensa de origem baiana é na verdade de procedência iorubá, como o azeite de dendê, o uso largo do inhame, o vatapá, o bobó, o acarajé, etc. Já a cultura banta, segundo alguns especialistas, contribuiu com os acordes precursores do samba brasileiro e o popular uso da figa como forma de se evitar o mau olhado. O pastel é de origem senegalesa.

Trabalho escravo

Na medida em que para os traficantes de escravos, a partir do século XVI, interessou vender escravos negros para os trabalhos de lavoura na América, incluindo a do Norte, aumentou a tendência de considerar o índio incapaz de trabalhar, incapaz de viver em sociedade, fazendo com que fossem afastados de suas terras, despojados de sua cultura, despersonalizados, marginalizados e humilhados.

O fenômeno abrange toda a América, desde os navajos e apaches do Norte, passando pelos maias, aztecas, da América Central, aos incas, quichuas e tupi-guaranis da América do Sul. Segundo Darcy Ribeiro, 57 dos atuais 143 grupos indígenas brasileiros ainda existentes desaparecerão até o final do século, se continuar a prevalecer a situação atual.

E largamente conhecida a matança de negros escravos que fugiam durante o Brasil-Colônia, mas pouco se sabe sobre os que morreram de doenças, maus tratos e como consequências das precárias condições de trabalho.

Mas a grande proporção de mulatos, mostra bem que a formação étnica brasileira é basicamente constituída a partir do negro e do branco, numa interpenetração racial e cultural ainda em processo, com resultados iniciais já suficientes para

caracterizar uma cultura brasileira: o samba, a música popular, a literatura de Graciliano Ramos e Guimarães Rosa, a pintura de Di Cavalcanti e Djanira, a arquitetura de Oscar Niemeyer e o lirismo de Jorge Amado e Glauber Rocha.

Herança lusitana

Segundo Sérgio Buarque de Holanda, em seu "Raízes do Brasil", os portugueses nos legaram entre outras coisas, o culto pela personalidade, a valorização do ócio em detrimento do trabalho rotineiro e braçal, o escasso apego pela disciplina e por princípios abstratos, o espírito da aventura em oposição ao trabalho metódico e anônimo, e, o mais importante, a fé no catolicismo.

As principais instituições administrativas, as sociais, as morais, o tipo de habitação, a forma de se estabelecer sem maiores planejamentos as vilas, povoados e cidades, como por exemplo Salvador, que está numa escarpa, enquanto que logo ao lado existe um terreno plano bem mais propício, também vieram dos portugueses.

A maior parte dos autores concorda como sendo a família a maior contribuição portuguesa, porque foi esta contribuição que praticamente definiu a colonização. Neste particular, isto é, na colonização da terra através da família, os portugueses receberam a colaboração dos imigrantes alemães, espanhóis, italianos, poloneses, sírios e mais tarde, dos japoneses, que ocuparam suas terras e as exploraram economicamente para viver tendo como força de

trabalho justamente os membros da família.

A língua também é fundamental, na medida que une a população de extremos, como o gaúcho e o sertanejo, e nos aproxima da cultura de Portugal, Angola, Moçambique, Cabo Verde, Timor e Guiné-Bissau.

Legado nativo

Devido a esta característica exclusivamente predatória da colonização portuguesa é que a ocupação da colônia foi litorânea e não interiorana, dificultando a fixação do homem e a transculturação dos três principais elementos étnicos.

Culturalmente, algumas famílias indígenas e determinadas tribos africanas que entraram em contato com os portugueses nada tinham de inferiores, cada qual tendo sua própria organização social, sua própria cultura, seus princípios, crenças e valores.

Uma prova disso é o fato de que em São Paulo, nos últimos anos do século XVII, a língua geral, dos tupis, era predominante, indo os filhos de por-

tugueses aprender a língua portuguesa nas escolas. O bandeirante Domingos Jorge Velho era um dos que só se expressavam em língua tupi. O fato foi comum em outras regiões além de São Paulo, sobretudo no Maranhão e nas capitanias do norte da colônia.

Dos índios ficou a colaboração de vocabulário, influências nas artes de caçar, pescar, fazer artesanato, culinária e uso de ervas medicinais. O uso da rede para dormir, da gamela, a água do coco para beber e a

cabaça para cozer de farinha são de origem indígena.

A incorporação do guaraná, da erva mate, o tabaco e a mandioca à civilização ocidental também se deve aos indígenas que mais não puderam contribuir, pelo menos não tanto quanto o negro, porque não foi aproveitado como força de trabalho, durante o processo de colonização, ficando marginalizados em sua própria terra. (Yvonne Amorim, da ECAB)